

Renda do brasileiro diminuirá

BRASÍLIA — O secretário de Política Econômica, Roberto Macedo, admitiu ontem que, por mais um ano, o brasileiro ficará mais pobre, com queda no PIB (Produto Interno Bruto) per capita. O secretário disse que haverá "um aperto brutal" na economia no início do próximo ano e só "com alguma sorte" o governo conseguirá cumprir o programa previsto na carta ao FMI (Fundo Monetário Internacional) sem agravar a recessão. A carta entregue ao FMI diz que a economia não crescerá no ano que vem e, com o aumento da população, haverá redução na renda de cada um. No ano passado, a renda anual de cada brasileiro ficou em US\$ 2.530.

Interrogado sobre a possibilidade da inflação persistir, apesar do aperto geral na economia, Roberto Macedo foi categórico. "Não trabalhamos com essa possibilidade." Ele se recusou a dar sua opinião sobre uma possível prefixação de preços, salários e juros, mesmo através de um amplo acordo social, como admitiu o presidente do Banco Central, Francisco Gros. O governo preparou uma tabela, onde se prevê a queda da inflação mês a mês até chegar a 2% ou 3% no final do ano, segundo o secretário. A carta de intenções entregue ao FMI, no entanto, não cita índices inflacionários para o ano que vem, informando apenas que o governo espera uma inflação de 20%, ao ano em dezembro de 1993.

O Ministério da Economia não teme que a resistência da sociedade em abandonar a indexação possa levar o Brasil a uma estagflação (recessão com inflação). O principal parâmetro do governo para acompanhar o desempenho do programa de estabilização será a inflação, "mas sem tirar os olhos dos índices de desemprego", segundo o secretário. Ele garantiu que o nível de desemprego, conforme pesquisas do IBGE, não atingiu nenhum nível alarmante. "Nenhum economista pode afirmar hoje que o nosso programa vai aumentar o desemprego. Poderemos inclusive ser surpreendidos."

A liberação dos US\$ 2,08 bilhões de financiamento pleiteado pelo Brasil ao FMI será feita em parcelas trimestrais, caso o Fundo aprove o programa brasileiro. "Com o FMI aprovando ou não o programa, vamos cumprí-lo de qualquer jeito. Esse é um programa nosso, para resolver nossos problemas", explicou o secretário. Macedo se recusou a comentar as críticas da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello ao programa levado ao FMI e reafirmou que o governo descarta congelamento por se tratar de uma falsa tranquilidade. "O congelamento do Plano Cruzado poderia ter dado certo, mas o governo foi ofuscado pela popularidade e não fez o ajuste fiscal necessário." Esse ajuste fiscal é um dos pontos-chave do atual programa.